

Brasileirismo: um registro lexicográfico desde o século XVIII

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara (SP) – Brasil

João Ribeiro, gramático e filólogo brasileiro, publicou, em 1920, na *Revista de Língua Portuguesa* (1920: 43) um opúsculo intitulado “Brasileirismos”, onde afirma ter sido Domingos Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca, o autor do “primeiro documento de natureza teórica sobre a questão dos brasileirismos”. Publicado em 1824 ou 1825 em Paris, conta João Ribeiro que o Visconde da Pedra Branca era ministro do Imperador e diplomata em França, quando Adrien Balbi começou a preparar o volume *Introduction à l’Atlas ethnographique du globe*, onde seriam incluídas informações sobre as raças e as línguas espalhadas pela superfície da terra. O Visconde da Pedra Branca foi colaborador do geógrafo francês e teve, com isso, sua lista de brasileirismos incluída na obra de Balbi. Esta lista, transcrita por João Ribeiro (1920: 45-46) em seu opúsculo, relaciona 58 palavras, em francês e português, sendo as 8 primeiras com o título “Noms qui ont changé de signification”. Tais palavras, em contraste, apresentam em francês o significado que têm em Portugal e no Brasil, como se pode ver no quadro abaixo:

1) Noms qui ont changé de signification

Mots	Signification en Portugal	Signification au Brésil
Faceira	Grosse mâchoire	Coquette
Arrumamento	Action d’arranger	Parade
Babados	Bavé	Jabot, falbalas
Tope	Entrave	Cocarde, bouquet de fleurs
Chacota	Chanson grivoise	Moquerie
Cecia	Action de grasseiyr	Minandièrc
Capoeira	Cage à poules	Broussailles
Sotão	Souterrain	Mansardes

As 50 unidades seguintes, reúnem “Les noms en usage au Brésil et inconnus en Portugal”, como alguns dos exemplos abaixo extraídos da relação do Visconde de Pedra Branca:

2) Les noms en usage au Brésil et inconnus en Portugal

Mots	Signification
Balaio	Espèce de panier
Cangote	Le drignon
Farofa	Ostentation ridicule
Mandinga	Fétiche
Rossa	Maison de campagne ou ferme
Mocotó	Pied de boeuf
Muxoxo	Action de faire la mone
Mascatear	Faire le marchand forain
Trapiche	Magasin au bord de l'eau
Senzala	Case à nègres

O mérito de Pedra Branca está em ter tratado de um aspecto da língua portuguesa até então pouco ou quase nada estudado, conforme João Ribeiro. Seu trabalho ficou desconhecido e raramente mencionado por estudiosos dos séculos XIX e XX.

Após a proclamação da Independência do Brasil, em 1822, 3 anos antes da publicação de Pedra Branca, acentua-se o espírito de separação da metrópole e as diferenças entre o português do Reino e o da colônia favorecem o aparecimento de vocabulários, onde a língua portuguesa do Brasil passou a ser foco de atenção de gramáticos e filólogos.

Ao longo do século XIX, conheceu o Brasil um número representativo de trabalhos e obras lexicográficas que tiveram por objetivo evidenciar a língua portuguesa do Brasil. De 1852, data da publicação da obra de Antonio Pereira Coruja *Coleção de vocábulos e frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, até 1920, quando se publica *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral, vários dicionários e vocabulários gerais e regionalistas foram oferecidos ao público brasileiro. Dentre eles destacamos o *Diccionario de Vocabulos Brasileiros*, em 1889, de Beaurepaire-Rohan, e o *Dicionário de Brasileirismos (Peculiaridades pernambucanas)*, em 1915 de Rodolpho Garcia.

O dicionário de Beaurepaire-Rohan buscou reunir o maior número possível das denominações vulgares dos produtos naturais, das tribos indígenas existentes no Brasil na época, e das localidades, cuja etimologia, como bem diz o autor, "é tão rica de poesia" (1889: 2).

Já o *Diccionario de Brasileirismos* (1915) reuniu as "vozes peculiares a Pernambuco, que não estivessem nos dictionarios, ou que ahi fossem apontadas com significação diversa" (1915: 637).

O trabalho dicionarístico de Rodolpho Garcia seguiu alguns critérios para a sua elaboração. Seguindo procedimentos adotados por Rodolfo Lenz na organização dos vocábulos do espanhol do Chile, Garcia reuniu os brasileirismos em 4 grupos: 1) Termos luso-brasileiros; II) Termos pan-americanos; III) Termos pan-brasileiros; IV)

Termos locais e regionais. Seu trabalho pretendeu, assim, ser o mais completo possível para a finalidade a que se propusera.

Entra-se no século XX com o mesmo espírito de valorização da língua brasileira. E com a fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1897 por Machado de Assis, o ideal nacionalista foi ainda mais intensificado. Os estatutos da ABL estabeleciam no seu artigo 1º “a cultura da língua e da literatura nacional”.

Do discurso proferido em 20 de julho de 1897 por Joaquim Nabuco, secretário geral da Academia, transcrevemos o seguinte: “O fato é que, falando a mesma língua, Portugal e Brasil têm de futuro destinos literários tão profundamente divididos como são seus destinos nacionais. Querer a unidade em tais condições seria um esforço perdido” (Nascentes, 1988: 1).

Após um ano de trabalho da ABL, Machado de Assis programou, entre as atividades da instituição, a elaboração de uma primeira coleta de “alguns elementos do vocabulário crítico dos brasileirismos entrados na língua portuguesa e das diferenças no modo de falar e escrever dos dois povos.” (Nascentes, 1988: 1). A ABL inicia, então, uma fase de trabalhos com o objetivo de organizar um dicionário brasileiro da língua portuguesa (Murakawa, 1998:106). Basta ler algumas das atas de reuniões da Academia para se conhecer melhor as inúmeras discussões em torno do que se convinha chamar *brasileirismo*.

Para se conhecer melhor a extensão do fato e da preocupação dos gramáticos e filólogos brasileiros, reunimos e consultamos dois conjuntos de revistas editadas mensalmente entre 1924 e 1925 e entre 1940 e 1942.

No primeiro conjunto, entre 1924 a 1925, consultamos 24 números da *Revista de Filologia Portuguesa*, fundada por Sílvio de Almeida e dirigida por Mário Barreto, onde encontramos 13 artigos de natureza vária, cujo tema é *brasileirismo*.

Nos números, 5, 7 e 8 de 1924, Afrânio Peixoto, membro da ABL, assina 3 artigos onde organiza com o título “*Brasileirismos*” um rol de “palavras de uso nacional, estranhas ao hábito lusitano, umas de origem regional, outras da gíria das capitais” (1924: 191). Todas as palavras seriam consideradas pela ABL como *brasileirismos* desde que fossem abonadas por um escritor. Este vocabulário constou de 309 unidades.

Ainda no mesmo conjunto das 24 revistas, com intuito de confirmar o que dissemos anteriormente sobre o ideal de valorização do português falado e escrito no Brasil, destacamos um conjunto de 09 artigos de autoria de Pedro A. Pinto, membro da Academia Nacional de Medicina, intitulados “Notas de linguagem portuguesa – Termos e expressões”. A curiosidade de tais artigos reside no fato de serem consultas lingüísticas feitas ao autor e sendo a mais freqüente a seguinte: “É *brasileirismo* o termo...?” Ou ainda, por exemplo: *Mameluco* é termo de uso exclusivamente brasileiro?” (1924, nº10: 98). “*Garrafada*, no sentido de golpe com garrafa, é *brasileirismo*?” (1924, nº 12:247). “Que é que significa *lubrino*? É *brasileirismo*?” (1924, nº12: 248). Este tipo de indagação reflete a preocupação do consulente quanto ao uso de um possível *brasileirismo* e a do consultor em esclarecer a dúvida, ora confirmando o uso, ora negando-o e, outras vezes, condenando o emprego.

Do 2º conjunto, de 1940 a 1942, reunimos 21 exemplares da *Revista Filológica*, dirigida por Ruy Almeida, editada no Rio de Janeiro por um grupo de patrocinadores, cuja propaganda comercial se encontra na contracapa de cada revista.

Neste conjunto, além dos trabalhos de Serafim da Silva Neto sobre a língua portuguesa no Brasil, sobre a origem do dialeto brasileiro e sobre o português quinhentista e o português do Brasil, vários outros trabalhos nos vários números abordam o “problema da língua brasileira” e dos “brasileirismos”.

Entre 1920 e 1940 situa-se o período das discussões e controvérsias registradas nos vários números das revistas consultadas e nas atas da ABL; e foi neste período, mais precisamente na década de 40 que surgem dois grandes dicionários, originados das discussões mencionadas anteriormente. Em 1943, Laudelino Freire publica, por conta própria, o seu *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, em 5 volumes, após ver frustrado o seu projeto de dicionário apresentado à Academia. No vol. I, Freire é categórico em dizer que:

“Nenhuma denominação atribuo ao português do Brasil. Feito principalmente para brasileiros, este dicionário não precisa da indicação de brasileirismo para conhecimento da linguagem falada do país. Além disso não é fácil definir o que seja brasileirismo. Muitos deles são expressões do português falado pelos antigos colonizadores; outros são termos da linguagem comum, os quais, por não terem sido averbados em dicionários lusitanos foram considerados brasileirismos”(1943:VIII).

E em 1940, Antenor Nascentes é designado por Afrânio Peixoto, então presidente da ABL, para ser o autor do novo projeto para elaboração do dicionário brasileiro da Academia. Três anos mais tarde, Nascentes apresenta a sua obra lexicográfica acabada e no seu plano de exposição da obra, ao tratar dos brasileirismos diz apenas que consultou as obras dos autores que já haviam tratado do assunto, como Beaurepaire-Rohan, Rodolpho Garcia, Romaguera Correia, Chermont de Miranda, Teschauer, Roque Callage, Escragnolle Taunay, Amadeu Amaral, Pereira da Costa, Alfredo da Mata e outros.

Todo o esforço de Nascentes para elaborar o dicionário em 3 anos, foi praticamente em vão. Seu trabalho lexicográfico levou mais de 20 anos para ser publicado tal qual foi apresentado à Academia. De 1961 a 1967 saíram publicados pela Imprensa Nacional os 4 volumes do *Dicionário da Língua Portuguesa*, com a chancela da ABL.

Nascentes não marcou nenhuma unidade como brasileirismo. Registrou, apenas, algumas vezes, um ou outro regionalismo.

Não podemos deixar de registrar que, durante o período acima mencionado, em 1925, sai publicado o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo em sua 4ª edição. Nas páginas iniciais do 1º volume com o título “As últimas palavras do auctor sobre a quarta edição”, Figueiredo afirma: “nenhum dicionário além do meu registrou coisa que se parecesse com mais de dez mil brasileirismos”(…), numa

atitude de desabafo ante as críticas que recebeu de vários estudiosos do português do Brasil sobre o registro ou não desta ou daquela palavra em seu dicionário. No nº 10 da *Revista de Filologia Portuguesa* (1924, 13-19), o lexicógrafo português envia carta a Mário Barreto, diretor da revista, com o título “Em volta do vocabulário”, onde rebate as críticas feitas por Escragnolle Taunay a respeito de seu dicionário e da ausência ou presença de brasileirismos. Esta carta confirma o seu desabafo nas primeiras páginas de sua obra.

Esta reunião de fatos informativos sobre a discutida questão dos brasileirismos, ocorrida do final do século XIX até a metade do século XX, teve por finalidade mostrar que, embora tenha surgido nesses séculos grande interesse por essa questão, um século e meio antes, António de Moraes Silva em seu *Diccionario da Lingua Portuguesa*, nas edições de 1789 e 1813, já tinha sua atenção voltada para aspectos da língua portuguesa na sua variante brasileira, aspectos estes que viriam a ser conhecidos mais tarde como brasileirismos.

Na 2ª edição de 1813, na “Epitome da Grammatica Portugueza”, no capítulo dedicado à sintaxe, Moraes já chama a atenção para certas construções consideradas por ele como “erros das Colonias: Eu lhe amo, lhe adoro” (1813: XXIX).

Partindo da 2ª edição de 1813 do *Diccionario* de Moraes, levantamos as unidades marcadas como “termo do Brasil” ou “termo Brasilico”, marcas lingüísticas utilizadas pelo dicionarista para identificar o que era da realidade brasileira. O *Diccionario* registra nas suas duas primeiras edições apenas o adjetivo *brasil*: “Pão brasil, vermelho, de que se extrahе tinta da mesma cõr. § Os *Brasis*: os Indios naturaes do Brasil”.

Do levantamento feito, página por página nos dois volumes da 2ª edição, obtivemos 189 unidades que puderam ser reunidas em campos referentes a: flora, fauna, alimentos, objetos e instrumentos, cultura africana, pesos e medidas, propriedade e terra, e ao cultivo da cana-de-açúcar e seus produtos.

Esta classificação nos possibilitou entender o pensamento lingüístico do autor voltado para a identificação de referentes de sua realidade brasileira, mesmo estando fora do Brasil. Poucas são as unidades relacionadas que têm no Brasil um significado diferente do de Portugal. Isto mostra a atenção de Moraes em registrar as “coisas da colônia”.

Um especial destaque dá Moraes para unidades referentes ao cultivo da cana-de-açúcar, pois, quando de sua volta ao Brasil, depois de se livrar de processo inquisitorial, que perturbou sua vida por longo tempo, foi proprietário de um engenho de cana em Muribeca, em Pernambuco. Estas unidades, que num total de 27 apenas, apresentam ou não a marca lingüística e por esta razão não foram computadas no total de 189; formam elas um conjunto à parte.

A análise das unidades pertencentes a cada campo nos permite fazer algumas considerações de ordem lingüística.

No campo da flora, o mais extenso, com 94 unidades, observamos que a definição lexicográfica parte sempre de um hiperônimo como: árvore, planta, fruto, fruta, legume, cana, mata, raiz, noz, semente, cardo, palmeira, madeira, droga aromática ou erva. Depois do termo genérico Moraes registra a diferença específica que permite conhecer

melhor este ou aquele elemento da flora brasileira, não se preocupando com informações enciclopédicas. Assim, *angelim* é árvore, *carrapateiro* é planta – a *mamona* do Brasil –, *araticu* é fruto, *andu* é legume, *bambu* é espécie de cana, também conhecido por *taquaruçu*, *bambual* é mata de bambu, *inhame* é raiz farinácea, *bicuiva* é noz oleosa, *carrapato* é semente, *caroatá* é cardo silvestre, *coqueiro* é palmeira, *jacarandá* é madeira, *pimenta* é droga aromática, e *visqueira* é erva. Todas estas unidades levam a marca de “termo do Brasil” ou “termo Brasilico”, grafada por extenso ou abreviada.

Morais identifica também se a planta é do Brasil, da Índia ou da África, como é o caso do *amendoim*, da *jaca*, da *banana*, etc.

Mesmo procedimento adota o autor com relação aos referentes da fauna; o termo genérico animal, ave, pássaro, peixe, inseto, serpente e cobra iniciam a definição. O *preá* é animal, *anhuma* é ave, *guaraz* é pássaro, *carapeba* é peixe, *louvadeus* é inseto, *jerepemonga* é serpente, *giboyoçu* é cobra.

No campo dos alimentos, todos marcados como “termo do Brasil”, Moraes seleciona as unidades referentes aos alimentos feitos com produtos da terra como a mandioca, a cana-de-açúcar e o milho. Estes produtos são a *cangica* feita de farinha ou polmo de milho, a *cachaça*, a *aguardente*, a *garapa*, o *melado*, a *rapadura*, feitos da cana e a *tapioca* e a *carimá* feitos da *mandioca*. Estes produtos em forma de farinha ou de massa entram na composição de alimentos como bolo, mingau, beiju.

Os brasileirismos que denominam objetos, conforme nossa classificação, referem-se a objetos usados na vida diária, principalmente, do índio como: *cassuá*, *cuya*, *igacaba*, *jereré*, *maracatim*, *patiguá*, *poça*, *urupema*. São cestos, redes, embarcações, caixa e tecido feito de palha. A marca lingüística está identificada em todas as unidades.

O *Diccionario* de Moraes registra também algumas unidades, num total de 11 que fazem referência à cultura africana, como: *calhambolas*, *carregador*, *lundu*, *mucama*, *mazombo*, *mocamaos*, *mocambinho*, *mocambo*, *pombeiro*, *quilombo* e *senzala*. À exceção de *carregador* e *pombeiro*, que são unidades lexicais vernaculares na sua formação, as demais são de origem africana. O *carregador* é “preto, ou escravo, que carrega a cadeira no Brasil” (Moraes, 1789/1813) e *pombeiro* é “o escravo, que vai pelos sertões do Brasil fazer commercio por autoridade, e em proveito do senhor, e talvez anda comprando outros escravos; o que vende peixe nas ribeiras, e parte os lucros com o senhor”. (Moraes, 1789/1813). Estas duas unidades sofrem mudança de significação no Brasil.

Somente duas unidades em nosso *corpus* são referentes a medida e moeda. A primeira é *quartilho*, significando a “quarta parte de uma canada” que é medida de líquidos, e *pataca*, que, embora seja palavra lusa, no caso Moraes registra o valor da pataca no Brasil, equivalente a “320 reis” (Moraes, 1789/1813).

Quanto à propriedade e à terra, temos o registro de *aldea*, *chácara*, *copiar*, *roça*, *sesmarias* e *tapera*. Todas têm no português do Brasil um significado especial. Em *aldea*, diz Moraes: “No Brasil *Aldea de Indios* são povoações dos domesticados e que descem dos Sertões”. (Moraes, 1789/1813); *chacara*, “t. do Brasil. *Quinta*, no Rio de

Janeiro; na Bahia, chamão-lhe *Roça*, em Pernambuco *Sítio*" (Morais, 1789/1613); *roça*, "granja, terra de lavoura no Brasil" (Morais, 1789/1813). Quanto a *sesmarias*, Morais as relaciona às "matas incultas do Brasil" (Morais, 1813). A *tapera*, termo brasílico, é "Quinta, ou fazenda que algum tempo se grangeou, e que depois se abandona, e deixa fazer mato ou sapezal" (Morais, 1789/1813). Finalmente, *copiar* é "a parte dianteira das casas baixas rusticas, ou palhoças, onde está a porta de entrada, e há huma como varanda aberta". t. do Brasil (Morais, 1813).

Das 189 unidades do *corpus*, cerca de 10, não puderam ser reunidas em nenhum dos campos acima mencionados. Constituem unidades a parte, que poderão ser agrupadas em caso de ampliação do *corpus*. Entretanto, foram relacionadas porque recebem a marca lingüística. Destacamos as seguintes: *bashaque*, *cafuné*, *comboieiro*, *caramuru*, *catinga*, *colomin*, *curumin*, *descaroçar*, *pororoca* e *sólta*. Transcrevemos, adiante a definição de algumas unidades: *bashaque*, "adj. fam. Estolido, insensato. No Brasil, dizem ser o homem que está espiando a marulhada de peixe, para lhe lançar as redes em cerco" (Morais, 1789/1813); *cafuné*, "t. do Brasil. Estalos, que se dão na cabeça, como quem cata" (Morais 1789/1813); *sólta*, "a acção de solta, diz-se dos gados, fazer soltas de gado, para os refazer, e engordar. fr. usual no Brasil" (Morais, 1813).

Completam o nosso *corpus* 27 unidades referentes ao cultivo da cana-de-açúcar. Deste conjunto, algumas têm a marca lingüística outras não. Entretanto, podemos considerá-las, na sua totalidade, como pertencentes ao português brasileiro, dado ao fato de que Morais as registrou por conhecer bem o cultivo da cana, pois foi proprietário de engenho, fato já mencionada anteriormente. Tinha conhecimento sobre o plantio e fabrico de produtos da cana. A *cachaça*, a *garapa*, o *mellado*, a *melladura* são produtos da cana; a *soca*, *ressoca* e *maçapé*, dizem respeito à terra para o plantio; e a *cara de assucar*, *purgação*, *purga*, ao fabrico de produtos da cana.

As 189 unidades lexicais e mais as 27 referentes à cana, extraídas da edição de 1813 do *Diccionario* de Morais foram também pesquisadas na 1ª edição de 1789 para se saber quantas unidades foram acrescentadas à 2ª edição. Das 189, 148 já estão na 1ª edição e das 27 relativas ao cultivo da cana, a edição de 1789 registra 18. Houve, portanto, um aumento significativo, em se tratando de termos do Brasil.

Os dados acima nos autorizam confirmar a presença de "brasileirismos" ou melhor dizendo, de "termos do Brasil ou brasílicos", como preferia Morais nas duas edições do seu *Diccionario*. João Ribeiro, no opúsculo mencionado no início deste texto afirma: "Não se esqueceu o nosso Moraes de incluir no seu léxico um grande número de vozes brasílicas ou portuguesas já diferenciadas na América" (1920: 43). Mesmo dando a Morais a importância por ter registrado na sua 2ª edição vozes brasílicas, João Ribeiro considera o Visconde da Pedra Branca como sendo o primeiro a registrar brasileirismos. Os dados acima demonstram o contrário. A 1ª edição de Morais considerada por Ribeiro como "um resumo de Bluteau", já apresenta termos do Brasil; e à nomenclatura da 2ª edição muitos mais foram acrescentados.

Retrocedendo algumas décadas no século XVIII, chegamos à monumental obra em 8 volumes e mais 2 de suplementos, do *Vocabulario Portuguez e Latino* de D. Raphael

Bluteau, publicada de 1712 a 1728. Para quem estuda a produção lexicográfica dos séculos XVIII e XIX em língua portuguesa, em especial Bluteau e Morais, sabe que a obra de Bluteau foi fonte e *corpus* de referência para Morais (Murakawa, 1984). E no tocante a “termos do Brasil” também Bluteau os registrou, como veremos a seguir.

As 189 unidades extraídas da 2ª edição do Morais foram pesquisadas em Bluteau e delas 68 estão registradas como referentes da realidade do Brasil. Bluteau emprega árvore, planta, erva, fruto, raiz do Brasil para unidades da flora, e para a fauna registra animal, ave, pássaro, passarinho ou cobra do Brasil. Estes são os dois campos mais representativos e com maior número de unidades lexicais coincidentes nos dois dicionários. No tocante aos campos dos alimentos, objetos, cultura africana, propriedade e terra, poucas são as identidades.

O confronto entre as obras de Bluteau e Morais tem o nosso interesse para demonstrar que, embora ambos registrem termos do Brasil, o interesse de Bluteau difere do de Morais. Este, enquanto brasileiro de nascimento e de cultura portuguesa, tinha interesse em registrar as unidades do português do Brasil que já eram percebidas como diferentes do português europeu. Aquele, homem de vasta cultura essencialmente européia e universal, registra as unidades referentes à realidade brasileira como um fato exótico, e vêm deste fato as suas definições enciclopédicas repletas de informação. Morais limita-se a fornecer ao leitor/consulente uma informação lingüística, pois sua definição, ao partir dos traços semânticos genéricos, categoriza na língua o referente e em seguida, enumera os traços específicos que permitem sua identificação.

Confrontem-se, no quadro abaixo, as definições dadas por Bluteau e por Morais de unidades pertencentes ao nosso *corpus*, marcadas por ambos como sendo “do Brasil”.

Unidade lexical	Bluteau	Morais
Caju	Planta do Brasil. Desde a raiz até a ultima vergôtea tem esta plâta muitas utilidades. O mais tosco do tronco serve de tintas pretas; o mais interior a modo de camisa dá aos cortidores tinta amarela; a madeira do tronco, & braços para a carpintaria dá curvas, & liames fortissimos. (...)he fruta comprida a modo de pero verdeal, porém mayor; huns são amarelos, outros vermelhos, outros tirão a huma, & outra cor, todos succosos, frescos, & doces, quando acesoados. (...)	Fruto Brasilico, da feição de um cone truncado, amarello, ou encarnado, de sabor mais doce, que agro; da parte opposta á em que está pegada aos ramos, tem uma castanha mui oleosa caustica, da feição de rim de porco, cor cinzenta; tirada a casca apparece uma amendoa saborosa, que se come assada, ou se confeitada.
Arara	He huma especie de Papagayo grande, que se cria no sertão do Brasil. He vermelho, semeado de algumas pennas amarellas, & tem as azas azuis, & hum rabo muyto comprido, & feroso.	Ave do Brasil de bico revoltado, e semelhante ao papagayo, com pennas de varias cores; e mayor corpo.

Mazombo	Este nome não se dá indiferentemente a qualquer filho do Brasil. Jorge Marcgrave no livro 8. Da sua histor. do Brasil, cap. 4. traz os nomes, que os Brasileiros, quer Portuguezes, quer Gentios, dão às diferentes nações, que naquella terra habitão; traduzi do Latim o que se segue. Aos Flamengos, Alemães, Francezes, Inglezes, & c. chamão-lhe <i>Ajuru juba</i> , porque muitos delles tem cabello louro, ou ruyvo; geralmente os Europeos são chamados Caraiba, & às vezes <i>Pero</i> . Os filhos de pays & mãys Europeos, se chamão <i>Mazombos</i> . (...)	O filho do Brasil, nascido de gente europeia. t. injur.
Jacarandá	Jacarandá, ou Pao santo. Arvore do Brasil de duas especies, branca & negra. O <i>Jacarandá negro</i> , he muito duro, & cheira. O <i>Jacarandá branco</i> , não tem cheiro; dá umas folhas pequenas, pontiagudas, luzidias, & directamente oppostas humas às outras nos ramos em que nacem. Entre estas folhas sahe huma flor, de huma só folha, quasi redonda, amarella, & cheirosa. O fruto he de huma figura irregular, pesado, torto, & cheo de huma substancia verde, tirante a branco. O Gentio usa delle em lugar de sabão; tambem fazem cozer o ditto fruto, & o comem, & chamão-lhe na lingua da terra <i>Manipoy</i> .	Jacarandá, s.m. É madeira Brasil. rija, algum tanto aromatica; a madeira é preta, talvez com suas vejas arroixadas, ou branca; serve para fazer moveis de casa, grades; para cobrir madeira ordinaria, fazendo-a em laminas, e para marchetar.

A definição descritiva que Bluteau faz para *caju* é detalhista e chega até aos produtos derivados da fruta. Termina de maneira interessante: “Por esta fruta contão os naturaes da terra seus annos; o mesmo he dizer tantos Cajus, que tantos annos, & na verdade parte he da felicidade natural desta gente, & por isso sobre esta fruta armão suas mayores guerras”. Em comparação a definição de Moraes é mais restrita e identifica os traços específicos da fruta. Na entrada *mazombo* podemos destacar a presença da unidade *brasileiros* que não recebeu entrada separada em Bluteau.

Também em *jacarandá* Bluteau dá uma definição descritiva, incluindo as espécies de madeira, classificadas pela cor. Assim, como no verbete *mazombo*, Bluteau registra o nome correspondente a *jacarandá* na língua dos gentios. Moraes define de modo mais restrito, identificando a cor, o cheiro e a finalidade da madeira.

O levantamento feito em ambos os dicionários não pode ser considerado completo e exaustivo; ele é uma amostragem do tratamento lexicográfico dado por dois

lexicógrafos do século XVIII em se tratando de “termos do Brasil”. Durante a leitura das entradas, pudemos perceber que Morais deixou de registrar unidades da realidade brasileira que fazem parte das definições dadas, como é o caso de: *taquaruçu, cuités, cuitezeiro, taioba, corimã, arataratguaçu, guainumbi, aratica, giquis, mumbanda, urubu*, numa clara demonstração de que eram de seu conhecimento tais referentes.

Em Bluteau também encontramos fato idêntico; o autor registra *garafa*, ou talvez *garapa*, equivalente a *cachaça* e esta não está registrada. Ainda no *Vocabulario* de Bluteau estão registradas unidades que não estão em Morais e que se referem a plantas do Brasil. Na entrada *pao*, estão registradas as seguintes unidades: *pao Brasil, pao d'arco, pao gamelo, pao d'alho ou cipó d'alho, pao molle, ou pao velho, pao podre* em todas elas registra, no interior do verbete, o nome que os índios brasileiros dão para estas plantas, e as identifica como árvores do Brasil. Ainda na mesma entrada está *pao de gallinha*, “bichinho do Brasil, negro e com azas”.

Os fatos nos revelam que o interesse por “termos da realidade brasileira” é muito mais antigo que o trabalho do Visconde da Pedra Branca, remonta a Bluteau e Morais, onde cada um revela um conhecimento da realidade do Brasil.

Resta saber e isto fica como indagação, quais foram as obras escritas nos séculos anteriores a Bluteau e Morais que serviram de fonte de referência para que ambos os autores, representantes máximos da lexicografia portuguesa de setecentos e oitocentos, fizessem a recolha de “brasileirismos”.

Rerefências Bibliográficas

- BEAUREPAIRE-Rohan (1889) *Diccionario de Vocabulos Brasileiros*. Fac-simile da 1ª edição. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- BLUTEAU, Raphael (1712/1728) *Vocabulario Portuguez e Latino*, 10 vol. Lisboa: Collegio da Companhia de Jesu.
- FIGUEIREDO, Cândido (1915) *Novo Diccionario da Língua Portuguesa*. 2 vol. 4ª edição. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão.
- FIGUEIREDO, Cândido (1924). Em volta do vocabulário. *Revista de Filologia Portuguesa*, ano I, nº 10, São Paulo: Nova Era Empresa Editora, pp. 13-19
- FREIRE, Laudelino (1943). *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. 5 vol. Rio de Janeiro: A Noite S.A. Editora.
- GARCIA, Rodolfo (1915) *Diccionario de Brasileirismos* (Peculiaridades Pernambucanas). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- MURAKAWA, Clotilde de A. A. (1984) *O Primeiro Dicionário de Língua Portuguesa de António de Moraes Silva – Estudo crítico da edição de 1813*. Tese de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara.
- MURAKAWA, Clotilde de A. A. (1998) “O Dicionário da Academia Brasileira de Letras: Um dicionário brasileiro da língua Portuguesa?” *Actas*, vol. II. XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, pp. 105-113.
- NASCENTES, Antenor. (1961/1967) *Dicionário da Língua Portuguesa*. 4 vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

- NASCENTES, Antenor. (1988) *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch Editores.
- PEIXOTO, Afranio (1924). “Brasileirismos”. *Revista de Filologia Portuguesa*, ano 1, nº 6. São Paulo: Nova Era Empresa Editora, pp. 191-207.
- PINTO, Pedro A. (1924) “Notas de Linguagem Portuguesa”. *Revista de Filologia Portuguesa*, ano 1, nº 11. São Paulo: Nova Era Empresa Editora, pp. 97-102.
- RIBEIRO, João (1920). “Brasileirismos”. *Revista de Língua Portuguesa*, ano II, nº 7 Rio de Janeiro: Typ. Lit. Rohe, pp. 43-48.
- SILVA, Antonio de Moraes (1789) *Diccionario da Língua Portuguesa*. 2 vol. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- SILVA, Antonio de Moraes (1813) *Diccionario da Língua Portuguesa*. 2 vol. Lisboa: Typographia Lacerdina.